

"Este Trabalho é parte dos resultados de uma série de reuniões e debates que o Setor de Relações do Trabalho, do Conselho da Comunidade Negra, vem realizando junto a vários segmentos da Sociedade, visando formas de ações concretas para combater a Discriminação Racial no Mercado de Trabalho. É um ponto de partida para auxiliar na desmistificação da tão propagada democracia racial."

Conselho de Desenvolvimento e Participação da
Comunidade Negra do Estado de São Paulo

ENERGIA DE
SÃO PAULO CESP
ADMINISTRAÇÃO UNIFICADA CPFL
ELETROPÁULO
COMGÁS

O NEGRO

NO MERCADO DE TRABALHO



DE PARTICIPAÇÃO E DESENVOLVIMENTO
DAE NEGRA DO ESTADO DE SÃO PAULO

*Áurea
f. 83935 (0192)*

O NEGRO NO MERCADO DE TRABALHO

1986
2a. edição

CONSELHO DE PARTICIPAÇÃO E DESENVOLVIMENTO
DA COMUNIDADE NEGRA DO ESTADO DE SÃO PAULO

APRESENTAÇÃO

A realidade do negro no Brasil está contida em um círculo vicioso. O início desta ciranda começa exatamente no mercado de trabalho. O desemprego, ou o pior, o não-trabalho sistemático leva a família negra à desagregação. O trabalho é a atividade fundamental do homem. Uma boa parte do tempo da nossa vida é passado trabalhando. Todo homem tem direito ao trabalho para poder se realizar como pessoa e ao mesmo tempo sustentar a si mesmo e a sua família. No Brasil, até mesmo este direito elementar é, muitas vezes, negado ao negro.

Diversas são as formas, às vezes, nada sutis, de se impedir a mulher e o homem negro de trabalharem — como muito bem demonstram neste trabalho o professor Clóvis Moura e o chargista Pestana. O Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra do Estado de São Paulo tem claro que muitas das discriminações que o negro sofre em nossa sociedade têm a sua principal origem no mercado de trabalho, daí a idéia do círculo vicioso: primeiro, o não-trabalho; depois, todos aqueles esteriótipos desonestos impingidos aos negros como de incapacidade, falta de vontade e não-inteligência; em seguida, a distorção de imagem feita pelos meios de comunicação e finalmente a violência policial. Para quebrar esta ciranda temos de atuar de forma decisiva no mercado de trabalho: nos sindicatos, empresas, junto aos profissionais da área de recursos humanos, agências de emprego, etc . . . Nosso SETOR DE RELAÇÕES DO TRABALHO, uma de nossas principais forças, está aberto a sugestões e colaborações de todos aqueles que queiram contribuir nesta luta.

CONSELHO DE PARTICIPAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE NEGRA

Diretoria Executiva

Hélio S. Santos - Presidente

Ivair A. Alves dos Santos - Vice-Presidente

Genésio de Arruda - Secretário

Maria Cristina de Oliveira - Tesoureira

Antonio Carlos Arruda da Silva - Vogal



No ano de 1882, para uma população de 4.912.293 pessoas, o Brasil tinha 1.433.170 trabalhadores livres, 656.540 trabalhadores escravos e 2.822.583 desocupados. Esta grande massa de desocupados já era constituída de ex-escravos, na sua maioria sexagenários. Com o 13 de Maio de 1888, a parcela de escravos se incorporará à grande massa de desocupados, sem possibilidades de conseguir emprego, marginalizada e perseguida. Cria-se, por isto, logo após a proclamação da República o crime de vadiagem...

MEU PRIMEIRO TRABALHO
FOI DE GARÇOM.
E O SEU?



MEU PRIMEIRO TRABALHO
FOI CONSEGUIR
TRABALHO!



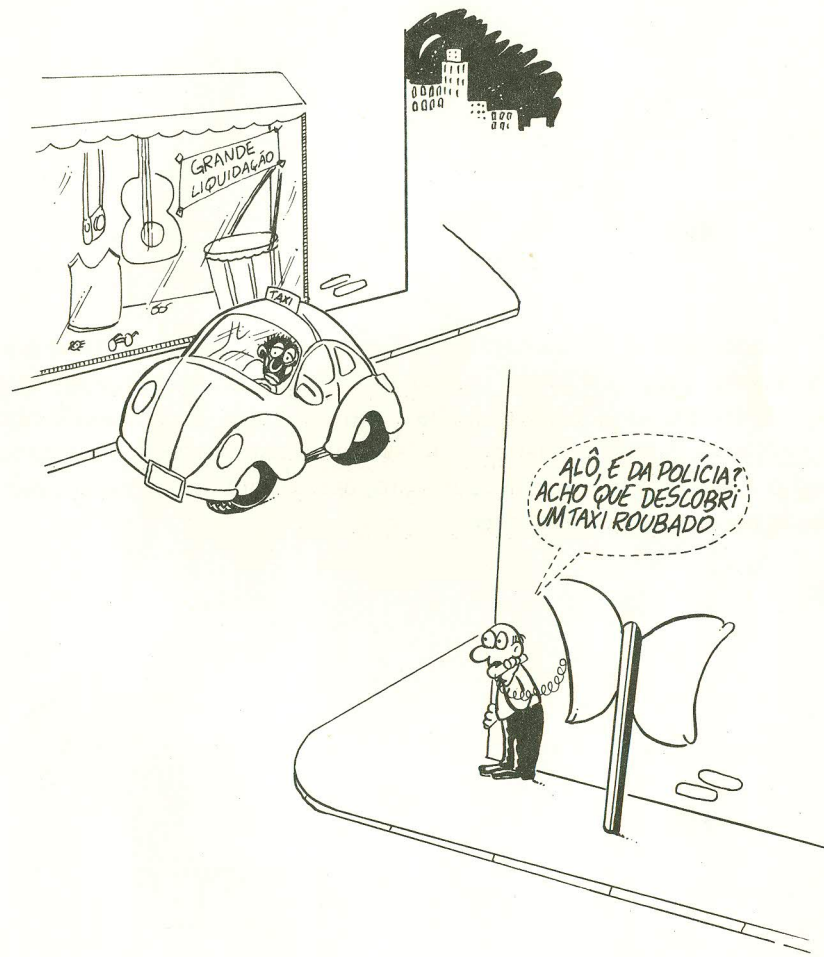
Por outro lado, de 1827 a 1899 entrou, somente para São Paulo, um total de 940.684 imigrantes, número maior do que o de escravos que foram atingidos com a chamada Lei Áurea. Isto é, o mercado de trabalho naquilo que tinha de mais dinâmico é preenchido pelo trabalhador europeu, enquanto os negros e não-brancos, de um modo geral, são discriminados pelo preconceito racial que é uma constante nos grupos que selecionavam os trabalhadores. A ideologia do "branqueamento" passa a ser um mecanismo de barragem contra milhares de trabalhadores negros ou mestiços de um modo geral.



O preconceito racial barra a ascensão social. Em 1893 os imigrantes entravam com 79% do pessoal ocupado nas atividades manufatureiras; com 85% do pessoal ocupado nas atividades de transportes e conexos; com 71,6% do pessoal ocupado nas atividades comerciais. Sua participação nos estratos mais altos ainda era pequena (pois só 31% dos proprietários e 19,4% dos capitalistas eram estrangeiros). Contudo, nenhum negro ou mulato era incluído nesta esfera. 87 anos depois, o recenseamento de 1980 registra o mesmo processo de bargem e no nível de patrões: 79% são brancos, 16% são pardos e apenas 1% é constituído de negros.



Há 10 anos o operário negro Santo Dias era assassinado pela polícia política por haver participado de uma greve pacífica no ABC. Até hoje o crime continua impune, embora todos saibam os responsáveis pela sua morte. O fato de ser negro e operário facilitou ainda mais a impunidade dos criminosos.



Logo após a proclamação da República foi criado o crime por vadiagem. Isto quer dizer que o trabalhador desempregado, que não encontra vaga para trabalhar, muitas vezes em consequência do racismo dos empregadores, é levado no camburão, considerado vadio e fichado na polícia. Com isto, aumentam ainda mais as barreiras para conseguir emprego.



"O Brasil é campeão mundial de acidentes no trabalho. No entanto, os patrões jogam a culpa nos próprios trabalhadores. Uma multinacional, por exemplo, criou até um personagem de histórias em quadrinhos que circula no jornal da empresa chamado "Desastrino". Ele está sempre sofrendo acidentes porque é distraído e vive pensando em futebol. No caso do trabalhador negro, então, a coisa fica mais séria. É porque negro não presta atenção no que faz, pensando no samba e na macumba . . ."



Segundo dados oficiais, 62,9% da população negra em idade de trabalhar em São Paulo encontra-se desempregada. Esta proporção na Grande São Paulo é maior do que a encontrada para a população branca.



